

A retomada do documentário no sul do Brasil: apontamentos sobre a produção de 1995 a 2010¹

El retorno del documental en el sur de Brasil: apuntes sobre la producción de los años 1995-2010

The documentary's resurgence in southern Brazil: notes about the production from 1995 to 2010

Cássio dos Santos Tomaim

Doutor em História (Unesp/Franca). Professor dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e em História da Universidade Federal de Santa Maria- RS.

Contato: tomaim78@gmail.com

Artigo recebido em: 15/07/2015 e aprovado em 30/08/2015.

Resumo

O artigo apresenta uma caracterização da produção de documentários no Sul do Brasil de 1995 a 2010. Os dados mapeados tiveram como fontes catálogos de fundações, associações, cinematecas, de festivais de cinema e vídeo realizados no país, dicionários de filmes brasileiros etc. Interessa a esta pesquisa demonstrar em que medida a produção de documentário tem sido responsável para a atual vitalidade do cinema na região estudada. A partir de 2000 começou a configurar-se uma retomada do documentário nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, movida pelo financiamento público dos filmes e pelo acesso aos suportes digitais que provocaram transformações no modo de produção deste tipo de cinema.

Palavras-chave: documentário; filmografia; Rio Grande do Sul; Paraná; Santa Catarina.

Resumen

El artículo presenta una caracterización de la producción de documentales en el Sur de Brasil entre los años 1995 y 2010. La compilación de los datos fue basada en fuentes como catálogos de fundaciones, asociaciones, filmotecas, festivales de cine y video desarrollados en el país, diccionarios de películas brasileñas, etc. El interés de la investigación se concentra en plantear de qué modo la producción de documentales tiene sido el motor para la vitalidad del cine en la región estudiada. Desde los años 2000 comienza a recobrar fuerza el género documental en los estados de Rio Grande del Sur, Paraná y Santa Catarina, impulsado por el financiamiento público de las películas y por el acceso a medios digitales, que generaron cambios en el modo de producción de este género cinematográfico.

Palabras-clave: documental; filmografía; Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina.

Abstract

This article presents a characterization of documentary production in southern Brazil from 1995 to 2010. The data were collected in sources like foundations, associations, cinematheques, film and video festivals held in the country, dictionaries of Brazilian films etc. The research aims to investigate in which perspective can we consider the production of documentary films as responsible for the current vitality of the cinema in this specific region. Since 2000, a scenario of a resurgence of documentary films began to be developed in the states of Rio Grande do Sul, Paraná and Santa Catarina, encouraged by the public sponsoring and the access to the digital media that changed how to produce this type of cinema.

Keywords: documentary film; filmography; Rio Grande do Sul; Paraná; Santa Catarina.

Introdução

1-O conteúdo deste artigo expressa resultados parciais da pesquisa Documentário no Sul do Brasil: histórias, identidades e fronteiras estéticas entre o cinema e a televisão, sob coordenação do autor e auxílio do CNPq, desenvolvido no âmbito dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e em História da UFSM.

2-Sendo que, neste caso, sequer a capital catarinense, Florianópolis, é apontada em tal esforço historiográfico.

Na primeira década do século XXI um novo cenário se desenhou para o documentário produzido nos Estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, os números superam mais de 90 anos de produção deste tipo de cinema nesta região do Brasil. Este trabalho apresenta alguns aspectos para compreendermos este cenário, a partir do mapeamento da produção de 1995 a 2010, caracterizando seus principais traços identitários.

Será que o recente *boom* do documentário brasileiro ocorrido a partir de 2002 foi capaz de criar e consolidar uma cultura da não ficção no Brasil? Mesmo diante de dados otimistas, como os apresentados pela produção contemporânea de filmes na região Sul, consideramos cedo demais para qualquer resposta a este questionamento. O que se nota é um aumento exponencial desta produção nos anos de 2000, mas a distribuição e a exibição destes filmes não acompanharam os mesmos passos.

O cenário cinematográfico da região Sul, com certas especificidades em cada Estado, desenvolveu-se nos anos de 1910, 1920 e 1930 atrelado à produção de filmes naturais, filmes atualidades ou cinejornais e documentários com forte tendência à propaganda política dos governos regionais ou até mesmo do Estado nacional, como durante a vigência do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945). Se para a historiografia clássica do cinema brasileiro, calcada na hegemonia do longa-metragem de ficção (BERNARDET, 2009), as filmografias do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina são quase desconhecidas, em geral apresentadas como parte de breves ciclos regionais ocorridos em cidades como Pelotas, Porto Alegre e Curitiba entre os anos de 1912 e 1933 (RAMOS, 1990)², temos para este estudo a seguinte premissa: no que diz respeito ao documentário, em especial ao de curta e média-metragem, é preciso reconhecer que a sua produção no Brasil sempre foi contínua, diferente do filme de ficção de longa-metragem que em alguns Estados ainda hoje sequer é uma realidade.

Se considerarmos uma história do documentário de longa-metragem é evidente que não podemos falar em uma tradição do documentário para os Estados do RS, SC e PR. De 1898 a 2010 as filmografias destes Estados juntas não somam 40 longas-metragens documentais: RS (18); SC (08) e PR (11) (SILVA NETO, 2009; 2011). Até a década de 1970 o documentário e o filme de não ficção de curta e média-metragem foram o carro chefe da filmografia gaúcha, sendo depois superado pelo filme ficcional de curta e média-metragem (SILVA NETO, 2009; 2011). Em Santa Catarina uma cena para o documental só começou a despontar mesmo nos anos de 2000, tendo ocorrido nas décadas de 1920 e 1980 pequenos surtos produtivos, mas que não se estenderam seus efeitos para as décadas seguintes. Mas desde os anos de 1990 o ficcional de curta e média-metragem é

uma realidade para o cinema catarinense, sendo que na década seguinte foram produzidos quase 100 filmes (SILVA NETO, 2009; 2011).

No Paraná, o predomínio do curta e média-metragem documental se estende até a década de 1980, mas os números já não expressam uma grande diferença entre o documentário (20) e o filme ficcional (15). A opção pelo curta e média-metragem ficcional se tornou uma realidade no Paraná a partir dos anos de 1990, mas foi entre 2001 e 2010 que a produção deste tipo de filme deu um salto quantitativo de 28 filmes, na década anterior, para 129 filmes no período mencionado. Nos anos 2000 registram-se ainda 12 longas ficcionais no Estado. Porém, o cinema paranaense não anda na contramão da recente produção documental brasileira. Foram mais de 60 documentários de curta e média-metragem realizados no mesmo período (2001-2010), além de outros 06 longas documentais (SILVA NETO, 2009; 2011). No Paraná nunca se produziu tanto documentários como nesta primeira década do século XXI. O interessante é notar que o fenômeno se repete em outros dois Estados, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

3- Para mais informações ler CESARO, Caio Julio. Memória e identidade regional no cinema de Udihara. Revista Discurso Fotográfico. UEL, Londrina (PR), v.03, n.03, p.97-112, 2007. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1495/1241>. Acessado em: 14 jul. 2015.

Ainda sobre a filmografia paranaense vale mencionar que de 1930 a 1950 foram produzidos mais de 100 filmes de não ficção, sendo que muitos destes têm origem no interior do Estado, em Londrina, tendo como principal realizador Hikoma Udihara, responsável por registrar os principais eventos de Londrina e do Norte do Paraná.

Somente depois em 2000 é que percebemos um retorno no fomento à produção de documentários em Londrina, figurando ao lado de Curitiba como um dos principais centros produtores deste tipo de cinema no Paraná³.

É verdade que a atual produção cinematográfica do Paraná e Santa Catarina, no que diz respeito ao longa-metragem de ficção, há muito que avançar se compararmos com o Rio Grande do Sul que, desde a década de 1970, é o terceiro maior Estado produtor de filmes no Brasil, perdendo apenas para o Rio de Janeiro e São Paulo. Entretanto, apesar de ocuparem a 7ª e 9ª posições no ranking, respectivamente, o que se nota é que entre 2002 e 2009 a produção de filmes de longa-metragem de ficção em ambos os Estados aumentou significativamente. No Paraná cresceu 126,3%, enquanto que em Santa Catarina houve um crescimento ainda mais expressivo de 660%, saltando de 05 para 38 filmes em sete anos. No Rio Grande do Sul, o crescimento foi de 50% no mesmo período (SILVA NETO, 2009, p.1151).

Apesar deste crescimento, a ficção de longa-metragem com raras exceções superou a produção documental de curta e média-metragem dos três Estados. Entretanto, foi nos anos de 2000 que a produção de documentário na região Sul teve o seu maior salto quantitativo, coincidindo com o boom deste tipo de cinema no Brasil: o Rio Grande do Sul produziu 22 filmes de ficção de longa-metragem, mas, por sua vez, foram realizados 80 documentários de curta e média-metragem; no Paraná foram 12 filmes de ficção de longa-metragem para 66

documentários de curta e média-metragem; já em Santa Catarina os números não são tão expressivos quanto em outros Estados, mas persiste o predomínio na produção do documentário de curta e média-metragem (27) em relação ao longa ficcional (16) (SILVA NETO, 2009; 2011).

O fato da pesquisa aqui apresentada ter como periodização 1995-2010 se dá por reconhecermos que, se hoje é possível falar em uma vitalidade do cenário cinematográfico na região Sul do Brasil, isto tem relação com o que se convencionou denominar a partir de 1995 de “retomada do cinema brasileiro”. Quando políticas públicas de fomento à produção cinematográfica nacional começaram a estimular novas realizações, renovando o cenário do audiovisual brasileiro. Acrescenta-se a isto o aspecto tecnológico, neste mesmo período presenciamos a substituição do analógico para o digital, o barateamento dos aparatos técnicos, além das novas tecnologias de comunicação e informação que vêm, gradativamente, alterando não só a produção, mas também a distribuição e exibição de filmes.

Este trabalho busca compreender quais os percursos e o papel do documentário no contexto das “retomadas” destas cinematografias regionais, sendo que, geralmente, coincidem com o boom do documentário no país que teve início em 2002. O que interessa a esta pesquisa é demonstrar em que medida a produção de documentário tem sido responsável ou não para a atual vitalidade do cinema na região Sul do Brasil.

Procedimentos metodológicos

Tendo como objetivo caracterizar a produção documentária contemporânea do Sul do Brasil, visando compreender onde, o que, como e quem produz na região e onde e de que forma esses filmes são exibidos, procedeu-se um levantamento prévio das seguintes fontes documentais: catálogos de fundações, associações, cinematecas, do Ministério da Cultura, de festivais de cinema e vídeo realizados no país, dicionários de filmes brasileiros, relatórios da ANCINE, além de contar com os dados de pesquisas anteriores que já realizaram trabalho semelhante sobre o documentário em âmbito nacional e regional. Destaco aqui as contribuições de pesquisas como as de Paulo Fabrício Ucelli, “A recente produção documentária brasileira: um levantamento da produção de documentários nos últimos dez anos no Brasil – 1994 a 2003” (UNICAMP, 2004) e de Lislei do Carmo Carrilo, “A cultura regional no cinema do Rio Grande do Sul: filmografia de 1981 a 2001” (Universidade Metodista de São Paulo, 2006). E a importância do trabalho árduo de Antônio Leão da Silva Neto de sistematizar em seu “Dicionário de filmes brasileiros” uma ampla e organizada filmografia do nosso cinema,

4- A RBS TV possui hoje 18 emissoras no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, sendo a maior e mais antiga afiliada da Rede Globo no país. Para mais informações consultar: <http://www.gruporbs.com.br/atuacao/rbstv/>

5- Para conhecer um estudo sobre as produções audiovisuais do Revelando os Brasis no Rio Grande do Sul consultar SILVA, Dafne Reis Pedroso da. Revelando os Brasis IV: os processos de produção dos curtas-metragens realizados no Rio Grande do Sul. Tese (2013). PUCRS, Porto Alegre, 2013.

6 -Esta pesquisa considerou as recomendações da instrução normativa nº 36, de 14 de dezembro de 2004, da ANCINE, que define os seguintes parâmetros para os formatos das produções audiovisuais: curta (até 15 minutos); média (de 15 a 70 min); e longa (acima de 70 min).

com edições lançadas em 2006, 2009 e 2011, que foram fontes documentais preciosas para o desenvolvimento desta pesquisa.

Feito um primeiro levantamento, confrontando as informações nos variados banco de dados, alguns critérios precisaram ser adotados para chegarmos a uma lista de filmes que expressasse um retrato da produção documental investigada. O primeiro critério foi o vínculo do realizador e da produtora com um dos Estados estudados, aquelas produções que tiveram um dos Estados apenas como locação ou tema do filme não foram incluídas no mapeamento. Em muitas ocasiões foi preciso recorrer aos realizadores ou produtoras e à internet para apurar as informações relativas à procedência dos filmes. Vale ressaltar a expressiva quantidade de realizadores mapeados que não possuem vínculo com qualquer produtora audiovisual de um dos três Estados; neste caso, foi adotado o mesmo procedimento de consulta para localizar e confirmar a procedência dos filmes realizados por estes documentaristas.

O segundo critério adotado para a filtragem dos dados foi a exclusão de produções caracterizadas como universitárias que têm origem nos Cursos de Comunicação e de Cinema e Audiovisual do país, por estas contarem com aporte financeiro e técnico das universidades. Também não constam neste mapeamento documentários realizados em co-produção ou financiados diretamente por canais ou emissoras televisivas privadas, além das produções oriundas de programas específicos do Ministério da Cultura como o DOCTV e o Revelando os Brasis. É notória a contribuição que a RBS TV, por meio do seu Núcleo de Especiais⁴, tem dado ao fomento de produções tanto documentais quanto ficcionais nos Estados do RS e SC, assim como a importância dos programas federais para a realização de documentários no país, principalmente no que diz respeito a um processo de interiorização das produções audiovisuais. Por se tratarem de produções que já contam com a Televisão como janela de exibição garantida, entendemos que estas merecem um estudo mais específico⁵.

Para a caracterização dos dados foi desenvolvido um instrumento de coleta que depois possibilitou o cruzamento das seguintes informações referentes aos filmes: título; nome do(a) diretor(a); sexo do(a) diretor(a); ano de produção (irá ser compreendido aqui o ano em que o documentário foi finalizado e exibido); duração; procedência (indicar nome do município); suporte (35 mm, 16mm, super-8, vídeo); formato (longa, média ou curta-metragem)⁶; fonte de patrocínio (apoio ou patrocínio direto, recursos próprios, concursos, leis de incentivo cultural municipal, estadual ou federal); mercado exibidor (salas de cinema, televisão, festivais, instituições como universidades, escolas, museus, associações etc); temática ou assuntos (conforme análise dos títulos e sinopses).

7- Inclusive, vale a ressaltar que alguns dados aqui referentes à produção de documentário no RS podem variar em relação a dados já publicados pelo autor em outros periódicos científicos. Isto ocorre porque em pesquisa anterior desenvolvida até 2013 contávamos com 96 filmes catalogados, hoje somam 121 documentários gaúchos.

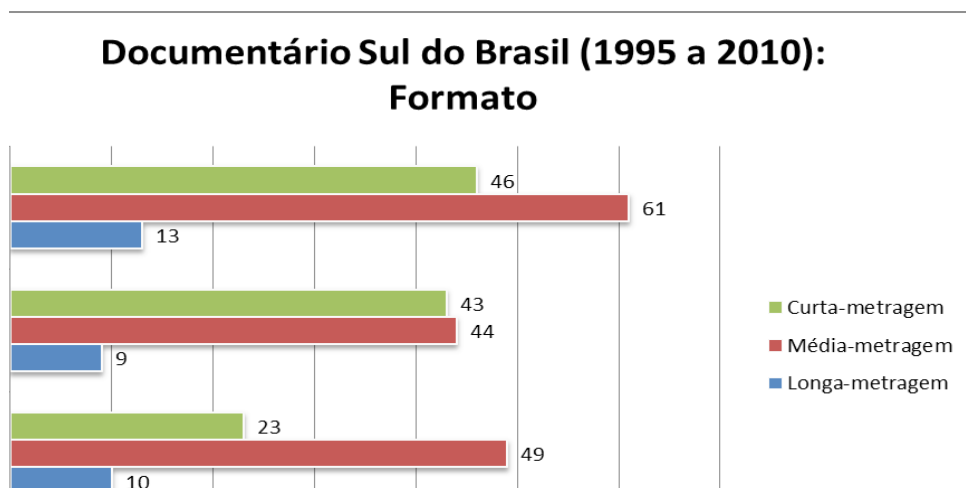
Após este trabalho de catalogação dos documentários por meio das fontes documentais, recorreu-se a contatos por e-mail com os realizadores e/ou produtoras para confirmação dos dados por meio do preenchimento de um formulário eletrônico com os mesmos itens do instrumento de coleta. No entanto, até o momento da escrita deste artigo uma pequena parcela dos realizadores e/ou produtoras havia respondido ao formulário. Entendemos que o trabalho de mapeamento é contínuo, que novas informações podem ser acrescentadas durante o processo de pesquisa, mas que isto não compromete a validade do corpus estudado neste artigo. Até o momento foram catalogados mais de 300 documentários: RS (121), SC (83) e PR (101); números que consideramos expressivos e que nos permitem uma caracterização segura e confiável a respeito da produção contemporânea de documentários no Sul do Brasil⁷.

Com os dados coletados, passamos ao cruzamento destes que nos possibilitou uma análise quantitativa de alguns aspectos que caracterizam esta produção audiovisual não ficcional nos Estados de SC, RS e PR no período de 1995 a 2010.

A retomada do documentário no Sul do Brasil

O documentário de longa-metragem só se tornou uma realidade nos Estados do RS, SC e PR a partir de 2000, em décadas anteriores um ou outro filme documental foi produzido neste formato. Em 10 anos os números são expressivos para os três Estados quanto à produção do longa documental: RS (13 filmes); SC (10 filmes) e PR (09 filmes). Historicamente nunca se produziu tanto documentário neste formato nos três Estados, e se levarmos em consideração o mesmo período veremos que o longa documental não se encontra mais aquém do longa ficcional nas cinematografias regionais estudadas: RS (22); SC (16) e PR (12) (SILVA NETO, 2009).

Gráfico 01: Documentário Sul do Brasil (1995 a 2010): formato



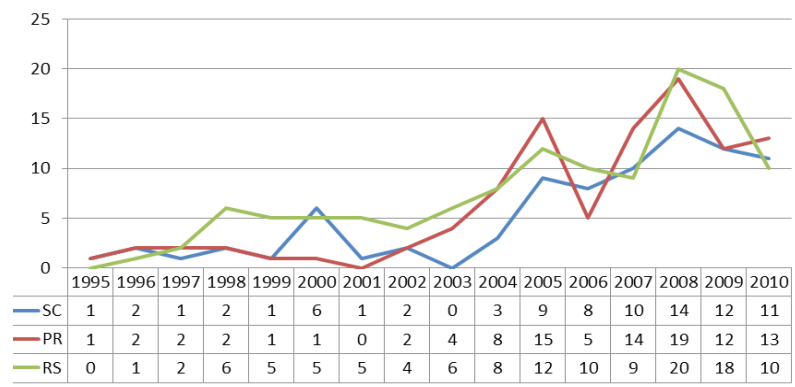
Fonte: Pesquisa Documentário no Sul do Brasil, 2015.

Apesar do longa-metragem ainda perdurar como a vitrine do cinema brasileiro, o que nos autoriza falar em uma retomada não é apenas a evolução na produção de documentário neste formato, mas a constatação de que nos anos de 2000 ocorreu uma crescente na produção de curtas e médias-metragens documentais, superando mais de 90 anos de produção deste tipo de cinema nesta região do país, como já mencionado anteriormente. O filme de curta e média-metragem ainda é o caminho adotado pelo documentário produzido no Sul do Brasil, o que têm colaborado por manter viva esta cinematografia regional. Ambos os formatos representam, em média, 87% dos filmes documentais produzidos entre 1995 e 2010 na região, sendo que o média-metragem predomina na produção dos Estados de SC e RS. Já no PR há um maior equilíbrio entre os dois formatos, conforme podemos perceber no gráfico 01 acima.

Levando em consideração a produção de curta, média e longa documental dos três Estados, no período estudado, percebe-se que, para além de uma crescente partir de 2000, há dois picos de produção que se coincidem: 2005 e 2008 (ver gráfico 02). Coincidências a parte, o que se pode concluir diante do cruzamento dos dados da produção anual e de fonte de patrocínio é que existe uma relação destes picos produtivos com o financiamento público, seja a partir de legislação federal, estadual ou municipal, ou por meio de concursos e editais.

Gráfico 02: Documentário Sul do Brasil (1995 a 2010): produção

**Documentário Sul do Brasil (1995 a 2010):
produção de curta, média e longa-metragem**



8 -É preciso considerar que há um lacuna considerável em nosso mapeamento quanto às informações sobre as fontes de patrocínio dos filmes. No Rio Grande do Sul e Santa Catarina são 48% dos documentários sem indicação de qualquer tipo de financiamento, enquanto que no Paraná o número é ainda mais expressivo: 68%. São raras as fontes consultadas que trazem informações deste tipo, por outro lado, quando foi possível contar com a devolutiva dos formulários eletrônicos ou consultar dados do documentário pela internet, seja em sites de festivais ou das próprias produtoras ou realizadores, procurou-se atualizar as informações correspondentes. Apesar de reconhecer como uma lacuna em termos de catalogação, tendemos a acreditar que a maioria destes documentários foram produzidos a partir de apoio direto ou com recursos dos próprios realizadores. Aspecto que se confirmado traz um diferencial da produção paranaense quanto a uma maior independência do financiamento público.

Fonte: Pesquisa Documentário no Sul do Brasil, 2015.

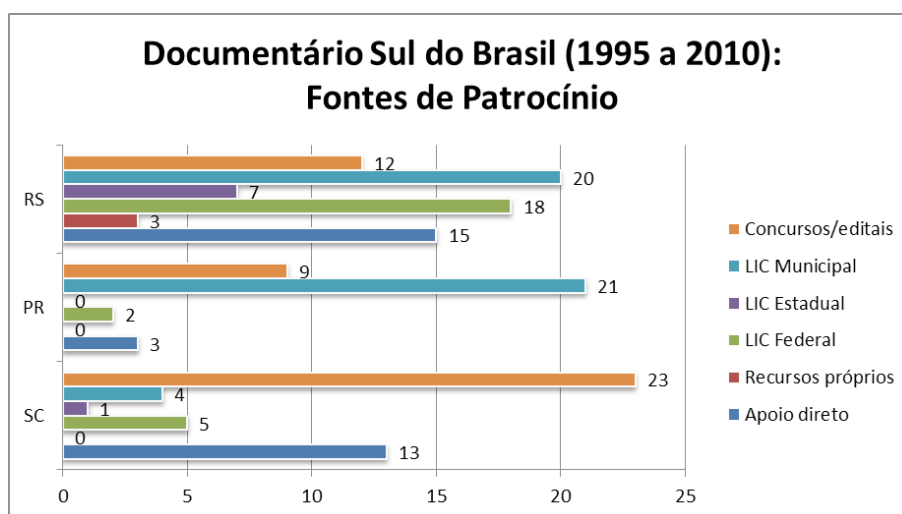
Dos nove filmes produzidos em SC em 2005, quatro (44,44%) tiveram aporte público; já no RS, dos 12 filmes realizados, cinco (41,66%) contaram com este tipo de financiamento. Mas no PR o cenário é diferente, dos 15 filmes de 2005 80% foram produzidos com outras fontes de patrocínio que não a pública. Por outro lado, em 2008 a cena se inverte, 45% dos documentários paranaenses foram realizados com financiamento público. Em SC mantém-se o mesmo número de cinco filmes financiados em 2008, mas são 14 documentários produzidos no ano. Enquanto que no RS 70% da produção de 2008 dependeu do aporte público para a sua realização.

Mas se considerarmos todo o período estudado, 1995-2010, veremos que em SC e RS 40% e 37%, respectivamente, de toda a produção contaram com aporte público. Somente no PR a dependência das produções foi menor, 26%⁸. As leis de incentivo cultural municipal e os concursos e editais são as principais fontes de financiamento público a que recorrem os documentaristas paranaenses, somente dois filmes tiveram aporte federal. Já em SC, os concursos e editais têm sido o principal financiador dos documentários, mas é preciso destacar que algumas produções contaram com aporte federal, municipal e estadual. Mas é no RS que encontramos uma maior ramificação da estrutura de financiamento público nas produções de documentário, tendo os realizadores contado predominantemente com as leis de incentivo cultural municipal e concursos e editais, além do expressivo número de 18 filmes que conseguiram aporte federal (ver gráfico 03). Por outro lado, não é raro encontrar dentre as produções gaúchas financiadas por meio de legislação federal aquelas que também contaram con

comitantemente com aporte estadual e/ou municipal. O que reflete uma concentração do financiamento público no RS para uma minoria de realizadores ou produtoras.

Aqui reside uma problemática para pensarmos a produção documentária contemporânea do Sul do Brasil, mas que também se aplica a outros contextos regionais brasileiros. O documentário é por excelência uma obra autoral, que exige do seu realizador uma maior independência estética e política, mas quais são as implicações de uma dependência econômica dos aportes públicos? Esta não é uma questão que este estudo pretende responder, mas que aparece como um sintoma desta retomada do documentário no Sul do Brasil e que merece uma investigação mais detalhada.

Gráfico 03: Documentário Sul do Brasil (1995 a 2010): fontes de patrocínio



Fonte: Pesquisa Documentário no Sul do Brasil, 2015.

Para além das implicações do financiamento público, outro fator que nos ajuda a explicar os picos de produção de documentários nos anos de 2005 e 2008 na região é o fenômeno da transição do analógico para o digital que presenciamos no final da década de 1990 no setor audiovisual. Seja pelo barateamento dos equipamentos ou pelas alterações que tais dispositivos introduziram na prática recente do documentário, nesta retomada o vídeo digital substituiu a película quase que por completo. Pode-se afirmar que o vídeo digital é responsável por

9- Aqui entendemos a comunicação comunitária como aquela que realiza, por meio dos dispositivos técnicos, o direito à comunicação para comunidades ou grupos populares. Direito de ser tanto receptor quando produtor de conteúdos, conforme trabalhado por PERUZZO (2006).

10- Para fins de catalogação as produções tanto em vídeo analógico quanto em vídeo digital foram agrupadas em uma única categoria: vídeo/vídeo digital.

11- Durante os anos de 1970/80 surgiram vários grupos de cineastas amadores no Rio Grande do Sul destinados a experimentar as potencialidades do super-8, acabando por tirá-lo da cena doméstica a que estava associado até o momento. A inovação ficou por conta das produções de longas ficcionais nesta bitola.

12- Apesar de existir no Paraná desde 2005 um festival dedicado exclusivamente às produções em super-8, o Curta 8 – Festival Internacional de Cinema Super8 de Curitiba, a nossa pesquisa revela que este não tem sido um vetor de estímulo à produção de filmes documentais nesta bitola no Estado.

estes picos produtivos que acompanhamos ao longo dos 15 anos da produção dos três Estados, tanto é verdade que as produções em 35mm, 16mm e super-8 são ínfimas nos anos de 2005 e 2008, somente o PR manteve uma média de três documentários em um destes suportes.

A mudança do suporte contribuiu diretamente para o crescimento da produção documental, pode até se afirmar que o vídeo digital representou um impacto maior, em termos proporcionais, do que o vídeo analógico nas décadas de 1970 e 1980. Se neste período o documental foi o caminho adotado para o vídeo popular, nas palavras de Santoro “o único formato possível para as ações dos movimentos populares no campo do audiovisual” (1989, p.99), temos que atualmente o vídeo digital não surge como um imperativo para o realizador, mas sim como um facilitador de uma diversidade de produções comunitárias⁹ e independentes, seja estas documentais ou ficcionais. No período de 1995 a 2010, os Estados pesquisados têm o vídeo¹⁰ como principal suporte de suas produções de documentários, na seguinte proporção: SC (80%), RS (65%) e PR (59%). No Rio Grande do Sul ainda há um maior equilíbrio nos outros suportes: 35mm (12%), 16mm (08%) e super-8 (13%). Chama a atenção a produção de 16 documentários em super-8 neste Estado no período estudado, fato que pode ser atribuído a uma relação histórica do cinema gaúcho com o super-8¹¹.

Já nos outros dois Estados, Santa Catarina e Paraná, as produções neste suporte representam 1% e 2%, respectivamente¹². Depois do vídeo, em SC e PR o 35mm se sobressai, mas não equivale a mais que 11% da produção de ambos os Estados.

Capital x interior

Se ainda é cedo para falarmos em uma democratização do audiovisual, o fato é que a partir de 2000 já vemos o início de um processo de interiorização da produção audiovisual que tem se dado pelo viés do documental. Em nosso mapeamento cidades como Santa Maria/RS (10%), Caxias do Sul/RS (5%), Londrina/PR (15%) e Itajaí/SC (6%) figuram como alternativas para a descentralização da produção audiovisual no Sul do Brasil. É indiscutível que este cenário ainda é incipiente, tendo em vista que mais de 80% da produção de documentários da região concentram-se nas capitais Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

Santa Maria reúne o maior número de produtoras audiovisuais dedicadas à produção de documentários no Estado do RS depois de Porto Alegre. A Finish Produtora e a TV OVO se destacam por apresentarem uma produção mais contínua, no período estudado foram três documentários realizados por cada uma das

13- O Instituto Câmara Clara apresenta uma particularidade para esta pesquisa. Em contato por e-mail com Tati Costa, Coordenadora de Pesquisa e Produção, esclareceu-se que a sede do Instituto é em São Paulo, mas este possui uma filial em Florianópolis. Porém, a maioria dos documentários do Instituto catalogados neste mapeamento tem a produção originária em Londrina, onde o Instituto conta com colaboradores locais, destaque para o nome de Daniel Choma que é responsável pela produção documental da produtora em Londrina, no período estudado, assim como em outras cidades paranaenses como Foz do Iguaçu e Ilha de Superagui. Mediante as informações optou-se por manter Londrina, Foz do Iguaçu e Ilha de Superagui como procedências dos filmes do Instituto, principalmente por estes terem sido financiados por legislações de incentivo cultural dos municípios, como Londrina. Outros filmes que são assinados por Daniel Choma, mas que foram produzidos em cidades de outros Estados, como São Paulo, não foram aqui considerados.

produtoras. Outras duas produtoras realizaram filmes em 2005 e 2007: a Khine Produções Ltda e a Milímetros Produções. Em Caxias do Sul, a Spaghetti Filmes foi responsável sozinha por sete documentários nos anos de 2000, figurando como a mais produtiva do interior do RS. Entre 1995 e 2010 foram produzidos 12 documentários em Santa Maria, todos no suporte vídeo/vídeo digital e dentre estes quatro contaram com financiamento pela LIC da Prefeitura de Santa Maria. Dos sete documentários da Spaghetti Filmes quatro tiveram aporte do FUNDOPRO CULTURA da Prefeitura de Caxias do Sul, e um da Câmara de Vereadores local.

O Instituto Câmara Clara é responsável pela recente produção de documentários em Londrina, são 10 filmes ao longo dos anos 2000¹³.

O maior financiador destes documentários foi o PROMIC (Programa Municipal de Incentivo à Cultura) da Secretaria de Cultura de Londrina. O Instituto Câmara Clara foi criado em 2007 e reúne vários profissionais, dentre eles cineastas e historiadores, dos Estados do Paraná, Santa Catarina e São Paulo. No período estudado, o Instituto despontou como um dos principais produtores de documentário do Estado do Paraná ao lado do Projeto Olho Vivo e da Olaria Projetos de Arte e Educação, ambos com sede em Curitiba. O que chama a atenção é que no Paraná a maioria das produtoras que se destacam na realização de documentários tem origem ou vínculo com a formação de jovens realizadores a partir de oficinas de audiovisual, estimulando uma maior profissionalização destes jovens para o setor, além de dedicarem-se a projetos de memória sobre o passado de suas cidades, comunidades ou bairros. O mesmo pode ser dito da TV OVO de Santa Maria (RS), criada em 1996, a partir de oficinas de audiovisual, é atualmente um coletivo comprometido com a memória da cidade e do Estado do Rio Grande do Sul.

Em Itajaí, litoral catarinense, a cena documental tem sido movimentada principalmente pela TAC Filmes. Dos cinco filmes de não-ficção da cidade, no período estudado, três foram realizados por esta produtora. Dois deles contaram com aporte da LIC da Prefeitura de Itajaí.

A respeito da cena documental nas capitais da região Sul temos que em Porto Alegre foi possível identificar até o momento 47 produtoras ou grupos/coletivos de produção; em Curitiba foram 34 e em Florianópolis apenas 18 produtoras ou grupos/coletivos são responsáveis por mais de 70 documentários ao longo de 1995 a 2010. Acrescenta-se a isto que na capital catarinense um maior número de produtoras apresentam uma continuidade na realização de filmes não ficcionais em comparação com as capitais dos outros dois Estados. São raras as que produziram apenas um documentário no decorrer destes 15 anos. Destaque para Faganello Produções, Penna Filho Produções e Plural Filmes que produziram 06, 05 e 04 filmes, respectivamente. Outras realizaram duas ou três produções no período estudado: Franmi, Atalaia Filmes, Conceito Comunicação e Ideias, Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, Contraponto, Exato

Segundo Produções Artísticas e Vinil Filmes.

O Projeto Olho Vivo e a Olaria Projetos de Arte e Educação se destacam como principais produtoras de documentário da capital paranaense, sendo responsáveis por 11 e 05 filmes, respectivamente. Outras produtoras realizaram dois ou três filmes no período, são elas: Cellulóid Vídeo, Grafo Audiovisual, Making Of e Sótão Filmes. Chama a atenção o fato de outras 28 produtoras curitibanas catalogadas terem produzido apenas um documentário em 15 anos.

Em Porto Alegre das 47 produtoras mapeadas 15 apresentaram uma produção contínua, outras 32 realizaram apenas um filme no período estudado. Destacam-se na cena documental da capital gaúcha as seguintes produtoras: V2 Cinema (09 filmes), M. Schmiedt Produções, Casa de Cinema de Porto Alegre, Estação Elétrica Filme e Vídeo e Modus Produtora de Imagens, todas com 05 filmes. Outras produtoras ou grupos/coletivos como Cooperativa Catarse - Coletivo de Comunicação, Okna Produções, Drops Filmes, G7 Filmes, TGD Filmes, Gusgus Cinema, Infoco Filmes e Entretenimento Ltda, Martins Produções, NN Internacional Cinema e Vídeo e Sendero Filmes merecem destaque por terem produzido dois ou três documentários.

Sobre o financiamento público das produções de documentários nas capitais não há muita surpresa, os números são, proporcionalmente, superiores às produções do interior dos Estados. Como dito anteriormente, não é difícil depararmos com filmes produzidos na capital gaúcha que tiveram apoio, concomitantemente, de mais de uma lei de incentivo à cultura. Dos 33 filmes produzidos em Porto Alegre com financiamento público mais da metade (54,54%, 18) foi a partir da Lei Rouanet e da Lei do Audiovisual do Governo Federal. Em Curitiba são 16 documentários financiados, mas o apoio vem predominantemente da LIC Municipal (81,25%, 13), um ou outro filme contou com aporte estadual e/ou federal. Já na capital catarinense a principal fonte de fomento público dos 26 documentários financiados tem sido os concursos e editais (84,61%, 22), em especial o Edital Prêmio Cinemateca Catarinense da FCC (Fundação Catarinense de Cultura) e o Edital Prêmio Armando Carreirão da FUNCINE (Fundo Municipal de Cinema), do Governo de Santa Catarina e da Prefeitura de Florianópolis, respectivamente.

Os realizadores

O documentarismo ainda é uma atividade masculina na região Sul do país (PR: 73%, RS: 70% e SC: 66%). Apesar de termos em Santa Catarina um número maior de mulheres realizando documentário, proporcionalmente em relação

aos outros dois Estados, isto é apenas uma “ilusão quantitativa” tendo em vista que das 25 realizadoras catalogadas 95% produziram apenas um filme ao longo do período estudado. Apenas Kátia Klock e Márcia Paraíso se destacam com quatro documentários produzidos no período. Entre os realizadores podemos destacar os seguintes nomes: Ademir Damasco (3 filmes), Alan Langdon (3 filmes), César Calvacanti (3 filmes), Chico Faganello (6 filmes), Diego Lara (3 filmes), Flavio Roberto (3 filmes), José Rafael Mamigonian (3 filmes), Maurício Venturi (3 filmes), Pedro MC (3 filmes) e Penna Filho (4 filmes).

No Paraná, o fenômeno se repete, apenas Lia Marchi (5 filmes) apresenta uma produção contínua, as outras 18 realizadoras mapeadas realizaram apenas um filme. Os nomes de Carlos Henrique Tullio (4 filmes), Daniel Choma (15 filmes), Estevam Silveira (3 filmes), Fernando Severo (3 filmes), João Krefer (3 filmes), Luciano Coelho (7 filmes) e Tulio Viaro (3 filmes) figuram entre os realizadores paranaenses com uma maior produção contínua de documentários. Outros 10 realizadores do Estado produziram até dois filmes entre 1995 e 2010.

As realizadoras gaúchas marcam presença na cena audiovisual do seu Estado. Das 30 realizadoras catalogadas 33% produziram mais de um documentário em 15 anos. Dentre estas podemos destacar os seguintes nomes: Ana Luíza Azevedo (4 filmes), Carolina Berger (3 filmes), Flávia Seligman (3 filmes) e Mônica Schmiedt (3 filmes). Outras seis realizadoras produziram até dois documentários no período. Já a respeito dos realizadores é interessante notar que de um universo de 69 nomes mapeados somente 23% apresentaram uma produção contínua. Dentre estes destacam-se os seguintes nomes: Gustavo Spolidoro (4 filmes), Lissandro Stallivieri (4 filmes), Luiz Alberto Cassol (3 filmes), Pedro Zimmerman (5 filmes) e Rene Goya Filho (3 filmes). Outros 11 documentaristas gaúchos figuram no mapeamento por terem produzido até dois filmes no período estudado. Como se pode notar pelo exposto acima, apesar da maioria dos documentários do Estado ser produzida por homens (70%), as mulheres têm demonstrado uma produção mais contínua em termos proporcionais. Outro fator que caracteriza este olhar feminino no documentarismo gaúcho é o reconhecimento desta produção no Estado e em âmbito nacional. Dos 20 documentários do RS premiados em festivais e mostras, oito (40%) foram realizados por mulheres, número proporcionalmente superior em relação aos outros dois Estados (SC: 35%; PR: 14%). Um exemplo é a diretora Liliana Sulzbach que teve seus dois filmes *O Cárcere e a Rua* (2004) e *A Invenção da Infância* (2000) premiados em festivais nacionais e internacionais.

O mercado exibidor

Até aqui se falou exclusivamente a respeito do vetor produção, mas a retomada do documentário no Sul do Brasil nos anos de 2000 também deve ser pensada a partir do vetor exibição/distribuição. Nunca se produziu tanto documentário, pela primeira vez há uma abertura para produções no interior dos três Estados, mas fica a questão: onde estes filmes estão sendo exibidos?

Pelo mapeamento realizado o documentário produzido na região tem majoritariamente nos festivais e mostras o seu principal canal exibidor: SC (58%); PR (59%) e RS (36%). Somente no Rio Grande do Sul se nota uma maior diversidade de janelas de exibição para o documentário produzido no Estado, como salas de cinema (10%), salas de cinema alternativa/cineclubes (11%), universidades, escolas, fundações e outros (12%) e a televisão (13%). Vale ressaltar que não consta neste mapeamento as produções exclusivas para a televisão (RBS TV, Programas DOC TV e Revelando os Brasis), como mencionado anteriormente, o que implica em reconhecer como expressivo o número de 20 documentários gaúchos que romperam com os canais instituídos para este tipo de cinema. Nos outros dois Estados os números são menores, mas em termos proporcionais apresentam significativa relevância: PR 8% (12) e SC 7% (7).

O documentário produzido na região Sul do Brasil é um “filme de gueto”, circula em espaços já culturalmente convencionados, cineclubes, associações culturais, escolas, tendo como sua principal vitrine os festivais e mostras. Diante do exposto, a pesquisa tem demonstrado que o maior desafio para esta produção de mais de 300 documentários é garantir a sua visibilidade no mercado audiovisual brasileiro, fazer com que os filmes percorram toda a cadeia produtiva, que comece na tela grande e depois conquiste outros canais de circulação como o home-vídeo, a televisão (paga ou aberta) e outras mídias. Ainda sobre o mercado exibidor devemos mencionar que este também é uma lacuna que aparece em nossa pesquisa, pois nem todas as fontes consultadas trazem este tipo de informação sobre os filmes. Em Santa Catarina e Rio Grande do Sul são 16% dos filmes que não possuem referência ao mercado exibidor, já no Paraná é mais expressivo, não foi possível identificar este tipo de informação em 26% dos filmes mapeados.

Em se tratando de curtas e médias-metragens é compreensível (mas não aceitável) esta falta de informação, não há uma preocupação do setor cinematográfico brasileiro em registrar e sistematizar os dados referentes à exibição de filmes nestes formatos no país. A prioridade ainda é o longa-metragem e, exclusivamente, aqueles exibidos nas salas de cinema comercial, logo, toda uma produção nacional excluída deste circuito de exibição fica silenciada no que diz respeito ao seu desempenho com o público espectador. A circulação desta pro-

dução de documentários do Sul do país merece um estudo mais aprofundado, que nos possibilite uma compreensão não apenas dos canais, mas também dos receptores destes filmes.

Documentário é memória

Mas do que tratam estes documentários do Sul do Brasil? Podemos dizer que há coincidências ou predileções dos documentaristas dos três Estados quanto aos temas abordados em seus filmes. Em SC e PR o tema Memória/História está na preferência dos realizadores, representando 20% e 25% das produções, respectivamente. No Rio Grande do Sul os temas Comportamento (19%) e Artes em geral (18%) predominam, mas 14% dos documentários gaúchos tratam de assuntos relacionados à Memória/História. Outros temas que se destacam nas produções destes Estados são: Rio Grande do Sul: Questão Sócio-política (12%), Biografia (11%); Paraná: Artes em geral (17%), Biografia (16%), Comportamento (16%); Santa Catarina: Biografia (18%), Comportamento (18%), Artes em geral (17%) e Natureza (10%). A respeito da produção contemporânea do documentário catarinense também nos chama atenção a importância dada ao tema Natureza, aspecto que diferencia esta produção dos outros Estados. São filmes que tratam de catástrofes ambientais, das transformações da fauna, flora e paisagem de Florianópolis, dos efeitos danosos da produção de suínos no Estado para o meio ambiente entre outros temas, revelando uma preocupação ambiental dos realizadores catarinenses.

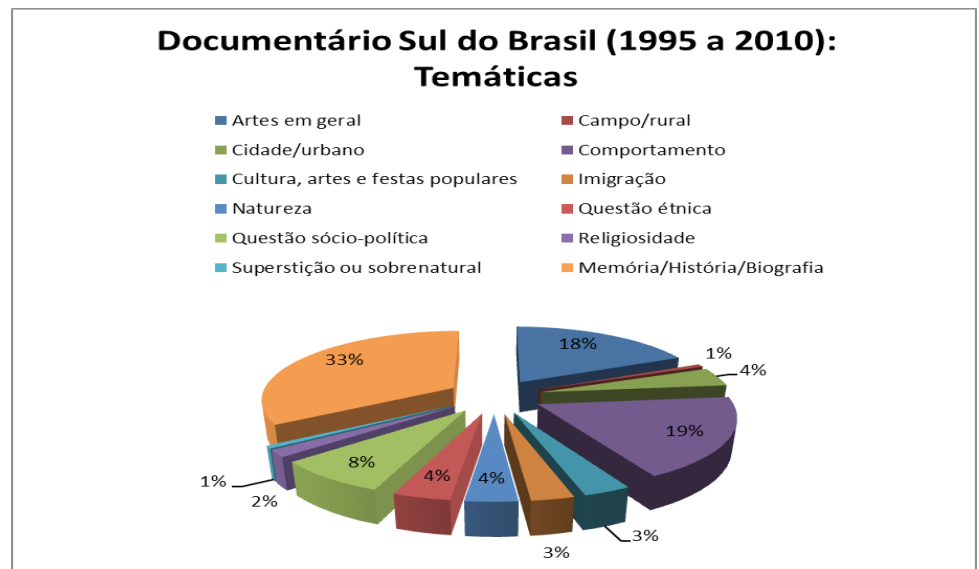
É interessante perceber o quanto a memória constitui-se como uma marca da identidade da produção de documentário no Sul do Brasil. Fato que poderia ser lido como uma obviedade já que este tipo de cinema tem uma vocação para a memória, entretanto, o documentarismo brasileiro dos anos 2000 está cada vez mais plural, seja em termos de assuntos abordados ou de propostas estéticas que, por sua vez, se refletem na produção regional aqui estudada. Por outro lado, é preciso que se diga que a partir da década de 1980 presenciamos um cenário do “boom da memória” ou da “cultura da memória” impulsionado pelos testemunhos das vítimas do Shoah, seja na literatura, no cinema, na televisão etc. Fenômeno que resultou em uma política transnacional da memória no final dos anos de 1990 na análise de Andreas Huyssen (2014), tendo nas histórias traumáticas o ponto de partida para vários estudos compromissados com uma vontade de memória, de fazer justiça aos mortos. Na América Latina é notório que a política da memória ficou reservada ao passado histórico das ditaduras na região.

Mas também acompanhamos uma produção cultural midiática crescente no que diz respeito à memória, seja pelas ondas de nostalgia e moda retrô, em que a obsessão recente com a memória “(...) marca uma necessidade crescente de his-

toricidade num mundo de absolescência planejada, bem como no presente em eterna expansão da cultura de consumo” (HUYSSSEN, 2014, p.139). É a reificação da memória pela indústria cultural que tanto Huyssen quanto Winter (2006) reconheceram como um processo legítimo do nosso século. Todavia, não se pode descartar que este boom seja uma ameaça à memória “ora pela limitação rígida das informações, ora por oferecê-las em uma enxurrada excessiva” (ASSMANN, 2011, p.231).

Não podemos afirmar que a crescente produção de documentários nos anos de 2000 na região Sul do Brasil seja consequência de uma “cultura da memória”, entretanto, é inquestionável a atração que o campo da memória tem provocado entre os realizadores. Se analisarmos as produções dos três Estados em conjunto veremos que o tema Memória/História equivale há 19,34% dos filmes realizados, quase 60 documentários. Este número pode ser ainda maior se considerarmos a temática Biografia, tendo em vista que os filmes classificados nesta categoria também apresentam um apelo histórico, dizem respeito a um passado e a uma memória histórica, mesmo que seja de um indivíduo. Mas que a título de catalogação optou-se por uma distinção levando em conta as especificidades do que se convencionou denominar de “documentário biográfico”. Nestes termos, afirmar que o documentário do Sul do Brasil tem uma vocação para a memória não é um erro.

Gráfico 04: Documentário Sul do Brasil (1995 a 2010): temáticas



Fonte: Pesquisa Documentário no Sul do Brasil, 2015.

São 33% dos filmes que apresentam um tratamento do campo da memória e história, um assunto que se sobressai em relação aos demais, como pode ser percebido no gráfico 04, acima. Comportamento (19%) e Artes em geral (18%) são outros dois temas que possuem uma maior predileção por parte dos documentaristas, mas é curioso notar que o tema Imigração (3%) tem sido pouco explorado nos filmes em uma região fortemente marcada pela presença e influência sócio-cultural das colônias de imigrantes alemães, italianos, poloneses etc. O mapeamento também revela um quase silenciamento do documentário da região na hora de tratar do tema Questão Étnica (4%).

Se ainda é cedo para afirmarmos que a retomada do documentário no Sul do Brasil tem uma relação direta com a “cultura da memória” que vivemos hoje em termos transnacionais, como defende Huysen, por outro lado, não podemos perder de vista do nosso horizonte analítico a constatação de que “A relação de uma época com seu passado repousa em grande parte sobre a relação dela com as mídias da memória cultural” (ASSMAN, 2011, p.221). O documentário é uma destas “mídias da memória cultural”, muitos aspectos do nosso passado recente têm sido armazenado e preservado em suportes digitais, cabe a novos estudos questionar em termos de uma política da memória quais as funções que o documentário tem exercido enquanto mediador de uma memória. Qual tem sido o papel do Estado no fomento a uma “cultura da memória” local/regional por meio do documentário? É interessante perceber que em torno de 30% a 40% das produções do RS, PR e SC de temática Memória/História/Biografia tiveram algum tipo de financiamento público, seja municipal, estadual ou federal. Se não há um direcionamento político destas produções que privilegie um ou alguns acontecimentos do passado em detrimento de outros, sendo que o ato de recordar também se reveste de uma política do esquecimento, ainda é preciso compreender melhor esta vontade de memória dos documentaristas do Sul do Brasil.

Algumas considerações para encerrar

Analisando a produção dos Estados preocupa o número expressivo de realizadores que em 15 anos produziram apenas um documentário: RS: 73 (73,73%); SC: 57 (78%); PR: 54 (77,14%). A partir de 2000 novos realizadores apareceram na cena audiovisual da região Sul do Brasil, entretanto, foram poucos aqueles que apresentaram uma produção contínua até 2010. Sabemos que em geral a produção documentária se caracteriza por projetos de baixo orçamento, então, ainda é preciso questionar o quanto o aquecimento da produção deste tipo de cinema na região Sul do Brasil foi apenas um fenômeno alavancado pela visibili-

dade que o documentário teve em nível nacional a partir de 2002, configurando uma simples aventura de muitas produtoras e realizadores no campo documental; ou se a retomada do documentário na região veio para ficar e auxiliar no fortalecimento e/ou consolidação do mercado audiovisual dos Estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul.

Pesquisas futuras poderão mensurar estes e outros aspectos, inclusive os impactos nesta produção regional da Lei 12.485, a Lei da TV Paga, que já está em vigor desde 12 de setembro de 2011. Esta legislação abre uma janela de exibição para as produções independentes, como as estudadas aqui, uma vez que canais da TV por assinatura no Brasil que exibem predominantemente filmes, séries, animação e documentário, são obrigados a dedicar 3h30min semanais de seu horário nobre à veiculação de conteúdos audiovisuais brasileiros, sendo que a metade, no mínimo, de toda esta produção a ser exibida deverá ser realizada por produtora brasileira independente. Hoje é consenso entre os realizadores, e as pesquisas como esta já demonstram, que, mais do que estimular a produção (que ainda se faz necessário), é preciso garantir a distribuição/exibição do documentário brasileiro tendo na televisão uma forte parceira.

Com raras exceções, a maioria dos documentários produzidos na região sequer conseguem alçar voo na cadeia produtiva do audiovisual, são varridos para os espaços alternativos de cinema (cineclubes, associações e fundações culturais) e, a grande maioria, encontra nos festivais e mostras a sua sobrevivência (em termos de exibição), tendo em vista que atualmente estes espaços são a principal vitrine do documentário produzido no Sul do Brasil.

A pesquisa aqui apresentada traz alguns indicadores de que a história do cinema nesta região do país não foi uma coleção de episódios isolados, como foi apresentado pela historiografia clássica do cinema brasileiro. Mas para isto é preciso que os novos estudos deste cinema do Sul do Brasil considerem que foi preciso primeiro existir o cinema de não ficção para que somente mais tarde surgisse o cinema de ficção em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Se no período de 1995 a 2010 o curta e o média-metragem de ficção passaram a ser a vocação do cinema desta região – no RS este fenômeno já é percebido desde a década de 1980; no PR e SC só duas décadas depois ocorre um crescimento significativo na produção – nos anos de 2000 o documentário não foi um mero coadjuvante. Entre altos e baixos a produção documentária da região manteve-se contínua em 10 anos, sendo que em uma década superou em termos quantitativos o número de documentários produzidos ao longo da história do cinema na região.

Nunca se produziu tanto documentário no Sul do Brasil, porém, esta produção é desconhecida por grande parte do público do cinema brasileiro. Com algumas exceções, estes documentários ultrapassaram as fronteiras de seus Estados. É verdade que atualmente com os canais de exibição de vídeos na internet, como youtube, vimeo etc, esta afirmação precisa ser flexibilizada, mas em nossa

pesquisa a internet não apareceu como um dado do mercado exibidor desta produção regional, apesar de sabermos que alguns filmes ou seus trailers estão disponíveis nestes canais virtuais. Aqui reside um ponto de partida para novos estudos, é preciso extrapolar outros campos de investigação que não somente o da produção de filmes. Carecemos de um aprofundamento a respeito das questões econômicas e do mercado exibidor, dos cenários institucionais e, sobretudo, da recepção deste documentário produzido no Sul do Brasil.

Referências

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cinema brasileiro: propostas para uma história**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

HUYSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

PERUZZO, Cicilia. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília**. Anais eletrônicos, Brasília, UNB, 2006. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/19806/1/>>. Acesso em: 20 abr. de 2015.

RAMOS, Fernão (org.). **História do cinema brasileiro**. São Paulo: Art, 1990.

SILVA NETO, Antônio Leão. **Dicionário de filmes brasileiros: longa metragem**. São Bernardo do Campo, SP: Ed. do Autor, 2009.

_____. **Dicionário de filmes brasileiros: curta e média metragem (1897 a 2005)**. São Bernardo do Campo, SP: Ed. do Autor, 2011.

WINTER, Jay. A geração da memória: reflexões sobre o 'boom da memória' nos estudos contemporâneos de história. In: SELIGMAN-SILVA, Márcio (org.). **Palavra e imagem: memória e escritura**. Chapecó, SC: Argos, 2006, p.67-90.